

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Rita Francisca de Andrade

**Leitura e Produção Textual:
fatores de desenvolvimento sócio-cognitivo
e letramento**

Cajazeiras, Setembro de 2008

Rita Francisca de Andrade

Monografia apresentada a Coordenação de Pós-Graduação da Unidade Acadêmica e Letras, como requisito final para a obtenção do grau de especialista, quando da conclusão do Curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras, no período 2008.2.

Cajazeiras, Setembro de 2008.



A5531 Andrade, Rita Francisca de.
Leitura e produção textual: fatores de desenvolvimento sócio-cognitivo e letramento / Rita Francisca de Andrade. - Cajazeiras, 2008.
41p. : il. color.

Não disponível em CD.
Monografia(Especialização em Língua Portuguesa)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia, Apêndice e Anexo.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Produção textual. 3. Letramento. 4. Linguagem. I. Castro, Onirevis Monteiro de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: Rita Francisca de Andrade

Título: Leitura e produção textual,; fatores de desenvolvimento sócio-cognitivo e letramento.

Banca Examinadora

Examinador: Prof. Dr. Onirevis Monteiro de Castro

Examinador: Prof. Dr. Andrey Pereida de Oliveira

Examinadora: Profa. Esp. Eclivaneide Caldas de Abreu

ERRATA

Folha 3	Linha 6	Onde se lê Pereida	Leia-se Pereira
Folha 13	Linha 3	Onde se lê todas	Leia-se todos
Folha 13	Linha 7	Onde se lê leve	Leia-se leva
Folha 13	Linha 20	Onde se lê leituras	Leia-se leitores
Folha 14	Linha 14	Onde se lê educadores	Leia-se educandos
Folha 17	Linha 28	Onde se lê Freira	Leia-se Freire
Folha 24	Linha 4	Onde se lê ora	Leia-se oral
Folha 24	Linha 12	Onde se lê professor	Acrescenta-se não

Dedicatórias

Aos educadores, que comprometidos com novas práticas, renascem a cada dia buscando a melhoria da Escola Pública.

Á minha família, esposo e filhas, que souberam compreender e aceitar algumas ausências minhas no convívio do lar.

Agradecimentos

A Deus, por me ter dado a convicção para o estudo.

A todos os professores deste Curso de Especialização, que com seus exemplos de vida, demonstrando garra e determinação, me incentivaram a chegar a conclusão do mesmo, apesar das minhas limitações.

Um agradecimento especial ao prof. Onireves, que particularmente incentivou-me nesta jornada, visando meu crescimento intelectual e profissional. Minha gratidão.

Sumário

Resumo-----	07
Abstract.....	08
Apresentação-----	09
Introdução-----	11
Objetivos.....	12
Problematização-----	13
Capítulo I Abordagens acerca dos saberes necessários às praticas educativas -----	16
Capítulo II Os processos de aquisição da leitura e da escrita -----	21
Capítulo III O ensino da Língua Portuguesa e o pensamento de alguns lingüistas.....	25
Considerações Finais-----	30
Referências bibliográficas-----	32
Anexos-----	33

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como referência temática o processamento da leitura e produção textual no cotidiano escolar. A leitura e produção de textos são temas que chamam a atenção dos atores do processo ensino-aprendizagem. Assim, a nossa preocupação objetiva foi a de **investigar os processos constitutivos formais da elaboração de instrumentos de trabalho com leitura e escrita na escola**, propostos por um educador, para seus educandos. Em tal contexto, estabelecemos como parâmetro de investigação uma turma do 8º ano e a disciplina Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monsenhor João Milanês, em Cajazeiras - PB. Neste trabalho foram realizadas observações junto a turma escolhida como amostragem, a fim de colher informações. Em se tratando de deficiência na escrita, notamos pouco preparo dos atores na escola para desenvolver um texto; respostas sem coerência. Esta problemática é influenciada por fatores internos e externos que interferem na aprendizagem dos educandos e também na forma de “ensinar” do professor. Como agente do processo de ensino e aprendizagem, o professor deve ter consciência da sua quota de mediação junto ao educando e, assim, buscar contribuir para a reversão dos problemas de leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: ensino-aprendizagem, método, texto, linguagem.

RESUMEN

El actual trabajo monográfico tiene como referencia temática el proceso de la lectura y de la producción literal en el diario referente a escuela. La lectura y la producción de textos son los temas que llaman la atención los agentes de enseñar-aprender de proceso. Así, nuestra preocupación objetiva era investigar los procesos constitutivos formales de la elaboración de los instrumentos del trabajo con la lectura y de la escritura en la escuela, considerados para un educador, para sus educandos. En tal contexto, establecemos como el parámetro de la investigación al grupo del año 8º y de él lo disciplina lengua portuguesa de Ensino básico, en la escuela pública de la educación básica Monsignor João Milanês, en Cajazeiras - PB. En este trabajo comenta al lado de grupo elegido había sido llevado a través como muestreo, en la información de la cuchara de la orden. En si tratan a la deficiencia en la escritura, notamos poca preparación de los agentes en la escuela para desarrollar un texto; respuestas sin coherencia. Éste problemático es influenciado por los factores internos y externos que intervienen con aprender de los educandos y también con la forma “enseñar” del profesor. Como agente de la educación de proceso y que aprende, el profesor debe tener conciencia de su contingente de mediación al lado de educar la e, así, para buscar para contribuir para la reversión de los problemas de la lectura y de la escritura.

PALAVRAS-CHAVE: el enseñar-aprender, método, texto, lengua

Apresentação

É por meio da linguagem que o homem interage com a sociedade em que está inserido e este homem age, criando e recriando um mundo que não é só fruto de projeções e representações individualizadas por meio da língua, mas resultado de práticas sócio-interativas. Por isso, afirma-se que a língua é uma atividade criativa.

Daí, a língua ser vista de forma integrada e dinâmica. Neste sentido os textos orais e escritos constituem eventos comunicativos que tem a ver , com a produção e a transmissão de conhecimentos que são expressos por meio de enunciados diversos, dependentes dos diferentes interlocutores e contextos e as vezes, independentes dos processos formais da aquisição da escrita. Este entendimento se integra à concepção dos Processos de oralidade e de escrita como práticas sociais e históricas atualizadas no uso efetivo da língua. Oralidade e escrita são práticas interdependentes nas sociedades atuais e não podem ser concebidas como prontas e isoladas. Trata-se de processos ativos enquanto condições discursivas das formas de produção de conhecimento.

Com base neste princípio, este trabalho se propõe, a partir do objetivo traçado explicitamente mais adiante, permitir fazer um *levantamento sobre as atividades de leitura e de produção de textos* numa determinada turma de uma Escola da Rede Estadual de Ensino, na cidade de Cajazeiras – PB, mais precisamente na segunda fase do ensino fundamental, por entender que neste período da vida do estudante, a leitura e a produção de textos começa a tomar proporções maiores e faz-se necessário que o aluno tenha uma base adequada para aprofundar-se nestas práticas

Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se citar a leitura de textos escritos, nas quais a leitura é o processo onde o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo

texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem. Não se trata de extrair informações decodificando letras e palavras, trata-se de uma atividade de seleção, antecipação, inferência, estratégias indispensáveis no processo de leitura.

Vale salientar que a leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social envolvendo atitudes e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido.

A compreensão dos textos é a meta principal da atividade da leitura, nela se insere a compreensão linear que é a compreensão direta que se faz do que foi lido e a interpretação que se caracteriza pela capacidade de inferir juízo de valores, compreender além daquilo que foi dito, captar a intenção do autor nas “entrelinhas”.

Quanto à produção de textos, esta fica atrelada à leitura, pois é impossível escrever sobre o que não se conhece, falar de um assunto que não se tem um conhecimento prévio.

Ao escrever, o aluno deve adquirir as habilidades de revisar e reescrever o seu texto. Julgar o que produziu e fazer as alterações necessárias, a fim de melhorar o seu texto, sem deixar-se intimidar diante das primeiras dificuldades surgidas.

Considerando a importância do hábito da leitura e conseqüentemente da produção de textos é que o estudo da língua reforça a urgência de se trabalhar insistentemente estas modalidades, como objetivo de formar cidadãos capazes de se expressar adequadamente em sua própria língua.

Introdução

As últimas estatísticas acerca do processo ensino-aprendizagem, vêm constatando os problemas da reprovação e evasão escolar, e apontam como fator principal para esta defasagem a deficiência que ocorre na leitura e na escrita.

O ensino da Língua Portuguesa deveria ter como objetivo maior, mostrar em todas séries da escola como funciona a linguagem, abrangendo metas específicas situações de vida. Em outras palavras o professor de Língua Portuguesa deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos, nas mais variadas situações de suas vidas.

A escola, tradicionalmente, tem se apagado a algumas coisas a respeito da língua, como a gramática normativa e algumas metodologias inadequadas no tocante ao ensino da língua, que ao longo dos anos só têm contribuído para tornar dificultoso para o educando e extressante para o professor, que na maioria das vezes, por mais que se prepare através dos cursos de capacitação, treinem novas metodologias, acabam voltando para as velhas estratégias, por serem as mais fáceis de se manipular ou para atender às velhas práticas da escola tradicional.

Se já era complicado administrar toda essa problemática do ensino da língua, veio também a interferência da Lingüística, teoria investigativa da linguagem que tornou-se ciência, e ao chegar nas escolas confrontou-se com as teorias dos mestres tradicionais chocando os professores; foi então que instalou-se uma série de desencontros dentro do ensino da Língua Portuguesa.

Porém, aos poucos, os cursos de formação de professores foram melhor preparando os docentes, dentro das teorias coerentes de estudiosos lingüistas e foi desfazendo-se os mal-entendidos, dando impulso a adequação de novos métodos que vêm gradativamente contribuindo para uma melhor formação docente.

Evidentemente, que não é humanamente possível solucionar a problemática que ora enfrenta a escola, no tocante ao ensino-aprendizagem, no que se refere a leitura e produção de textos.

Assim, traçamos como norteadores da nossa monografia os seguintes objetivos:

- a) **Objetivo Geral: investigar os processos constitutivos formais da elaboração de instrumentos de trabalho com leitura e escrita na escola.**

- b) **Objetivos Específicos:** elaborados para dar sustentação a cada argumentação por nós idealizada para dar cabo do que traçamos no objetivo geral e, para tanto, queremos: i) mostrar a ação da linguagem como atividade discursiva e os processos de aquisição da leitura e da escrita; ii) fazer conhecer as abordagens acerca dos saberes necessários a prática educativa e a natureza da leitura e da escrita como atividade escolar; iii) a importância e a especificidade do texto literário e sua utilização no incentivo à leitura e produção textual e, finalmente, iv) fazer conhecer algumas idéias sobre ensino da Língua Portuguesa, a partir do pensamento de alguns lingüistas.

Salientamos que o trabalho, fundamenta-se nas leituras de alguns estudiosos lingüistas, associada às explicações dos mestres e doutores, enquanto professores ativos em sala de aula, preparando-nos neste Curso de Pós-Graduação. Deixa-se em aberto para questionamentos, debates e posicionamentos contrários ao que aqui está exposto.

Problematização

Ultimamente tem-se constatado um grande número de evasão e reprovação escolar. E de acordo com a avaliação feita por professores de todas as disciplinas, em torno deste problema, todas são unânimes em apontar a causa principal deste fracasso no processo educacional como sendo a ausência de leituras. Esta falta de leitura é uma prerrogativa de todas as disciplinas e não apenas da Língua Portuguesa, porque costuma-se pensar que a leitura deve ser explorada apenas nas aulas de Língua Portuguesa. Na verdade, a leitura deve estar presente em todas as demais disciplinas porque, só o entendimento do conteúdo, leve ao domínio do assunto em contexto. Tendo em vista, a leitura e produção de textos ações norteadoras mais particularmente no estudo da Língua Portuguesa, professores desta disciplina sentem-se mais angustiados com a dificuldade de exercer esta prática em sala de aula, e sentem-se mais diretamente responsáveis mediante todo processo, tendo em vista serem os mais cobrados. E assim esta dificuldade se alastra por todas as disciplinas. Falta ao alunado uma leitura preliminar acerca dos conteúdos referentes as disciplinas curriculares.

Durante muito tempo, a leitura teve seu lugar de destaque na sala de aula e fora dela. Fez-se também forte e presente nos momentos conflitantes da nossa história, onde a censura proibia todas as leituras que estimulassem pensamento das pessoas; que despertassem a consciência do ser-cidadão.

Talvez pelo fato destas leituras passarem pelo crivo da censura, fossem tão atrativas, ao ponto destes leituras enfrentarem todo tipo de perseguição, sem temer as represálias sofridas.

Finalmente extinguiu-se a censura, veio a liberdade de expressão, acabaram-se as leituras proibidas e extinguiu-se também o gosto pela leitura. É como se de repente não se tivesse mais nada para conquistar, as leituras que se tornaram livres perderam o atrativo.

Tendo em vista a modernidade dos tempos atuais, onde a sociedade de consumo torna-se hiperativa e os meios produtivos e exploradores se aproveitam do fato de que as pessoas, principalmente os jovens gostarem de acompanhar fielmente a evolução do tempo relacionado á moda, supervalorizando os aparelhos eletrônicos, e foram abandonando o hábito saudável da leitura.

Constata-se que atualmente, cada vez mais as pessoas gostam menos de ler. Em se tratando de jovens diminui ainda mais o gosto pela leitura. Aquela leitura extensa nos livros, cada vez mais vai desaparecendo, para dá lugar aos resumidos recortes emitidos pelos programas contidos no computador.

É lamentável perceber que os jovens, hoje, já não têm o mesmo interesse pela leitura, que tinham os jovens antes do computador e dos eletros eletrônicos que há atualmente, portáteis, de fácil manuseio e de fácil aquisição.

Diante de tantos elementos tentadores, um dos maiores desafios para os professores é fazer com que os educadores despertem novamente o interesse pela leitura. É neste ponto que entra o poder do professor, que deve lançar mão de todos os artifícios e argumentos possíveis, sem se deixar desanimar diante das primeiras resistências esboçadas pelos alunos mediante as leituras indicadas.

O trabalho constante dos professores juntos aos alunos no sentido de trabalhar a leitura de forma mas eficaz buscando melhorar a metodologia aplicada; realizando as atividades de forma interdisciplinar, onde a leitura deve ser explorada e estimulada constantemente em todas as disciplinas, para isto o professor deve despertar a curiosidade em torno do assunto, fazendo citações de autores, levando recortes contendo pequenas leituras sobre determinados assuntos, estimulando ao aprofundamento no assunto.

.São estas e mais outras atividades aplicadas que devem servir como ponto de partida para atacar a causa deste problema que pouco a pouco se instalou na escola como um todo, constituindo como elemento causador do entrave na melhoria do processo ensino aprendizagem.

O nosso texto está dividido em capítulos temáticos, cada qual tratando de elementos bem pontuais, para dar cabo do que foi estabelecido como principal objetivo para o mesmo. Assim, poderemos observar que, no Capítulo I os temas referentes as abordagens dos saberes necessários às práticas educativas e ação da linguagem como atividade discursiva.

No Capítulo II os processos de aquisição da leitura e da escrita, bem como a natureza da leitura e da escrita como atividade escolar serão tratados. Igualmente, a especificidade do texto literário e sua utilização no incentivo à leitura e produção textual.

Finalmente e anterior a conclusão, o Capítulo III versará sobre o ensino da Língua Portuguesa e o pensamento de alguns lingüistas. A partir de então, serão dadas as nossas considerações finais.

Capítulo I

Abordagens acerca dos saberes necessários às práticas educativas

Ao adentrar na fundamentação teórica sobre a leitura e a escrita como fator de desenvolvimento sócio-cognitivo e estímulo ao letramento, faz-se necessário uma abordagem acerca dos saberes necessários À prática educativa, contidas na obra do grande educador Paulo Freire “Pedagogia da Autonomia”.

Será que o fracasso, ora constatado no processo de ensino aprendizagem, cuja origem fixa no fato da defasagem na leitura e na produção textual, não é reflexo de práticas educativas desajustadas e não condizentes com o momento atual? Será que os educadores de um modo geral não deveriam fazer uma reflexão sobre suas práticas educativas?

De vez em quando, o educador deveria parar e repensar sobre sua prática; interrogar a si mesmo se ainda tem o mesmo entusiasmo que tinha quando terminou seu curso de formação de professor; perguntar-se se estar sendo um educador ou um mero professor do “ensino bancário”.

São vários os critérios que o professor educador deve seguir para alcançar a postura de um educador. E é buscando sempre aperfeiçoar suas práticas, que o professor vai está contribuindo para melhorar o ensino-aprendizagem, procurando sempre adequar as velhas práticas ao momento atual, criando meios legítimos para dosar um ensino que tenha como resposta uma aprendizagem efetiva. Dentro os muitos saberes que devem ser do conhecimento do educador, um é que ele se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Durante muito tempo, cultivou-se este conceito de que só o professor era detentor do saber e tenha o poder de transmitir aos alunos, “cabeças vazias”, prontas para ser trabalhadas,

e assim armazenar os conhecimentos. Este era o discurso da dominação das chamadas classes elitistas, cujo discurso chegava aos educandos, através da escola, na medida que convinham a estas classes, sempre associadas aos políticos partidários também saídos ou inseridos nestas classes detentores do poder; assim, todo e qualquer ensinamento eram sempre repassados de uma forma que não proporcionava nenhuma chance de reflexão por parte do alunado.

Este modelo de ensino aprendizagem, foi imposto nas escolas, durante muito tempo; até que com as aberturas políticas, ganharam força, as teorias libertadoras que propunham novos métodos de ensino, que vinham inovar e até mesmo revolucionar estas práticas antigas impostas pelas classes dominantes, com o objetivo de manter ao seu julgo e poderio.

No momento atual, dar margem ao entendimento de que toda problemática, no tocante à violência que o nosso país enfrenta nos últimos anos, está associada a uma reação a imposição e repressão sofrida ao longo da nossa história. Levando a crer que a educação libertadora fundada no esclarecimento do poder do Ser-Sujeito, que foi anulada pelas teorias impostas, eclodiu do seio do povo, mais precisamente dos jovens, de forma errada, confundido a liberdade de expressão com a libertinagem do agir, onde se quebram todas as regras desde o convívio familiar até chegar na escola, uma vez que o aluno não aceita o modelo do ensino tradicional, tampouco esforça-se na construção do seu conhecimento.

Em determinados momentos faz-se necessários estes recortes acerca de teorias pedagógicas porque as teorias são pontos que impulsionam o processo ensino aprendizagem proporcionando a aquisição dos conhecimentos pessoais e dos adquiridos através do estudo sistematizado.

Com o professor de língua materna fica a incumbência de trabalhar a leitura e a escrita de forma mais consistente em razão de possuir uma metodologia propícia para trabalhar a linguagem de forma mais adequada. Assim a aquisição do domínio da Língua falado e escrita se expande em todos os sentidos facilitando a aprendizagem das outras disciplinas, que por sua vez também devem explorar os textos relacionados aos seus conteúdos.

Certamente todos os saberes necessários à prática Educativa explicitados no livro de Freire constituem uma força alavancadora que impulsiona o ensino e a aprendizagem em toda sua essência.

Ainda falando sobre saberes relacionados à prática educacional, Maurice Tardif, em seu livro *Saberes docentes e Formação profissional*, aborda vários tipos de saberes que também ajudam ao professor na condução de preparar o educando para a aquisição da sua aprendizagem. Em meio aos muitos saberes citados pelo autor, um chamou de “saberes experienciais”, que são aqueles saberes advindos da prática escolar, adquiridos no exercício de suas funções, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio.

Ainda se reportando sobre os saberes, o autor afirma:

Nenhum saber é por si mesmo formador. Os mestres não possuem mais saberes-mestres (filosofia, ciência positiva, doutrina religiosa, sistema de normas e de princípios, etc.), cuja posse venha garantir sua mestria: saber alguma coisa não é mais suficiente, é preciso também saber ensinar. O saber transmitido não possui, em si mesmo, nenhum valor formado a atividade de transmissão lhe confere esse valor. (Maurice, 2002 p. 43-44)

Paulo Freire (1988) escreveu um livro intitulado “A importância do Ato de ler”, no qual fala da sua teoria acerca da alfabetização de adultos e também da utilização das bibliotecas populares em outros países que falam a Língua Portuguesa.

Normalmente, quando se fala na importância do ato de ler, pensa-se logo na leitura específica de textos didáticos e ou literários. Quem pratica estas leituras vai bem, não resta dúvida. Contando que estas leituras sejam acompanhadas da reflexão, da compreensão e da interpretação destes textos, que estas leituras não se resumam apenas a mera decodificação de letras, palavras, etc. Que o educando retire o máximo de proveito das leituras efetuadas, que identifique a leitura como uma bússola apontando o caminho apropriado para ampliar seu Universo.

Evidentemente, que as leituras reflexivas, formam e informam cidadãos conscientes, preparando-os para enfrentar o universo de atividades que certamente vai encontrar pela vida afora, inicialmente, na vida estudante, posteriormente na vida profissional.

O artigo de Freire, *A importância do ato de ler*, deixa transparecer a idéia de que a pessoa deve realizar a leitura da palavra, dos textos, após a leitura do “mundo”, que se caracteriza por uma leitura ampla, onde o ser assume uma condição de leitor autônomo, curioso por descobrir as coisas em sua volta, buscando as lembranças do seu passado, longínquo ou próximo, sempre refletindo sobre coisas e fatos que lhe rodeia. Este tipo de leitura se constitui como uma preparação do usuário da língua para a leitura da palavra e do texto; e assim procedendo, o ser está dando um enorme passo para atingir um letramento adequado.

O professor em sala de aula tem todo “poder” de provocar o educando para despertar sua “leitura de mundo”. Para isto deve usar um artifício simples que é fazer o aluno falar. Falar sobre si mesmo, sobre o mundo a sua volta, descrição oral de fatos e acontecimentos que lhe chamou a atenção.

Dessa forma, o aluno vai assimilando com naturalidade a prática da leitura, sem aquela força bruta que alguns professores querem impor na sala de aula, que só provoca a resistência a tais leituras, principalmente dos textos dos livros didáticos, que na maioria das vezes não chamam a atenção do alunado, por não conter nenhum atrativo.

Ação da linguagem como atividade discursiva.

Refletindo sobre a Linguagem, entende-se esta como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de Gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem as atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos permitem a ampliação da competência discursiva do educando.

Assim, esta ampliação não pode ficar reduzida apenas ao trabalho sistemático com o ensino gramatical. Aprender a pensar e falar sobre a própria linguagem, realizar uma atividade

de natureza reflexiva, uma análise lingüística supõe o planejamento de situações didáticas. Na perspectiva de uma didática voltada para a produção e interpretação de textos, a atividade metalingüística deve ser instrumento de apoio para a discussão dos aspectos da língua que o professor seleciona e ordena no curso do ensino-aprendizagem.

Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la. (PCN, 2001, p.28).

Num recorte sobre as implicações da questão da variação lingüística para a prática pedagógica, observa-se que a variação faz parte das línguas humanas, e se tratando da Língua Portuguesa, esta se constitui de muitas variedades. Mesmo que no Brasil fale uma única língua, observam-se diferenças de pronúncia, de construções sintáticas, nas quais identificam os falantes de comunidades lingüísticas em diferentes regiões. Estas variações dependem de vários fatores: geográficos, socioeconômico, de faixa etária, de sexo, dentre outras.

O importante é que a Escola tenha consciência destas variações e crie meios para trabalhar estas variações de forma simples, sem máscaras, sem inibições ou preconceitos que causem constrangimentos para alguns alunos ou soberania lingüística para outros. Assim o educando poderia melhor expressar-se oralmente ou por escrito, sem medos ou recalques que podam a liberdade de expressão dos que timidamente não gostam de se expor.

Capítulo II

Os processos de aquisição da leitura e da escrita

Para muitos “ler” é decifrar códigos. Na verdade, “ler” é buscar significado, é compreender. Refletir sobre os conceitos de leitura e escrita significa também refletir práticas pedagógicas, utilizadas no presente, bastante questionadas. A escola tradicional e, até mesmo a escola que se diz moderna. Tem tratado a leitura como decifração.

Se os critérios para avaliar a leitura são: a pronúncia correta, pontuação adequada, uso da entonação, tem-se a concepção de leitura como ato mecânico, nesse caso ler é decifrar códigos. Este tipo de leitura não fornece ao leitor informações básicas para a compreensão do que leu.

Por outro lado, quando se concebe o processo como um ato de compreensão, de apreensão do significado do texto, considerando como bom leitor aquele que entende a mensagem do texto, reconstrói o texto baseado nas informações oferecidas pelo autor e no conhecimento prévio do leitor.

A produtividade da leitura acontece quando há um intercâmbio entre leitor e autor, em busca de um novo conhecimento. Para o ensino da leitura é importante o uso de técnicas psicopedagógicas que ajudem o aluno a adotar estratégias de predição, de leitura e de compreensão; envolve o processamento cognitivo do discurso. Para tanto, o professor prioriza a focalização de determinada informação, esquecendo o processo pelo qual a informação é obtida. Para estimular este processo existe a atividade de predição, que permite ao aluno crescer em sua capacidade de leitor independente.

Antes de iniciar a leitura deve lançar, ao aluno, perguntas formuladas no texto que será apresentada, buscando ativar o pensamento do aluno.

Durante a leitura o professor explora o pensamento do aluno, após ler alguma parte do texto, o aluno vai captando as idéias. Ao terminar, o professor deve solicitar do aluno as evidências, informações do texto que comprovem as respostas preditivas.

A atuação do professor nos primeiros momentos da aprendizagem não se resume a transmitir conhecimentos, seu papel é o de criar situações significativas que dêem condições ao aprendiz de se apropriar de um conhecimento de uma prática. Já nas atividades de sistematização, o papel do professor é mais diretivo, no qual ele explica, informa, mostra e corrige.

É por isso que esses momentos não devem ser muito longos. Nesse sentido não se ensina ao educando a ler: ele aprende sozinho. Ao professor compete ajuda-lo a conquistar esse comportamento. Essa ajuda efetiva-se através de um ambiente que favoreça o aparecimento ou o desenvolvimento da aprendizagem organizada do conhecimento adquirido.

A escola deve proporcionar oportunidades de utilizar a escrita em contextos significativos, que estabeleça uma estreita familiarização com todos os suportes materiais da escrita: livros, jornais, cartazes, etc. Estes suportes vão dar ao educando a oportunidade de observar, explorar e experimentar os vários usos da escrita no contexto em que vive. E ao mesmo tempo em que toma conhecimento desta escrita, promove a leitura das mesmas. E certamente também terá mais oportunidades para ampliar seu universo de leituras.

A natureza da leitura e da escrita como atividade escolar

A natureza da leitura e da escrita na sala de aula é atender a uma função específica da escola no tocante ao crescimento cognitivo do cidadão, visando levá-lo ao domínio dos demais conhecimentos, inclusive encaminha-lo ao processo de letramento.

A fala e a escrita são modalidades distintas, porém estão atreladas entre si, dentro do contexto escolar. Fora deste contexto a fala se caracteriza como o natural espontânea, etc.

Ninguém precisa ir para a escola aprender a falar., porque todos aprendem a falar espontaneamente através da observação da transmissão natural. Já a escrita, esta se caracteriza pela representação da fala e deve acontecer de forma organizada, obedecendo a determinados padrões da língua.

De acordo com Mary A. Kato (1987), no mundo da escrita, a comparação entre essas duas modalidades de expressão será feita sob três perspectivas: i) da diferença da natureza do estímulo; ii) das diferenças formais; e iii) das diferenças funcionais.

De acordo com a natureza do estímulo a fala e a escrita evidenciam a representação de figuras representando coisas. Posteriormente a escrita atinge uma etapa em que representa a fala.

Quanto às diferenças formais, a diferença entre a fala e a escrita apresenta variáveis consideráveis como: as variáveis sociais e psicológicas, o grau de letramento, o estágio de desenvolvimento lingüístico, o gênero, o registro e a modalidade, de acordo com as diferenças funcionais a modalidade escrita e oral muda com a evolução histórica vista sincronicamente nas sociedades altamente letradas, cuja distribuição é determinada pelas diferenças sociais funcionais e pela variação individual.

Concluindo o entendimento sobre a natureza da leitura e da escrita, estas modalidades são atividades primordiais que antecedem o processo de letramento propriamente dito dentro dos padrões de acesso ao entendimento para atingir uma formação adequada.

A especificidade do texto literário e sua utilização no incentivo à leitura e produção textual.

O texto literário oferece subsídio para se trabalhar a linguagem. Isto ocorre quando se observa sua forma peculiar de representação e estilo. Além de se apresentar como uma atividade lúdica expressa uma representação da realidade. O texto literário também apresenta características diferenciadas. Às vezes os aspectos formais do texto literário está livre para

romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua, tornando-se matéria-prima a ser usada na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, pelo jogo de imagens e figuras. Assim, o tratamento do texto literário, ora ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem.

Dessa forma, concebe-se a utilização do texto literário como forma de dar um maior incentivo ao hábito da leitura e produção textual, isto porque este tipo de leitura especifica-se em prender a atenção do leitor. Nas poesias, encontram-se o ritmo e a sonoridade das rimas. Nos contos e romances a beleza do poder da conotação que transporta o leitor ao um mundo imaginário; que o leva a sonhar ou matizar sua realidade, suavizando a dureza da realidade. Por estas e outras razões este tipo de leitura deve ser utilizada constantemente em sala de aula objetivando fortalecer o hábito da leitura no alunado. Para tanto o professor deve estabelecer estratégias de leituras aleatoriamente, mas de forma organizada, onde o aluno vai efetuar uma leitura, sabendo como proceder após esta, porque já tem uma tarefa anteriormente estabelecida pelo professor. Assim, o aluno sentirá que a cobrança não é tão rigorosa, que ele pode unir o útil ao agradável, isto é, realizando uma tarefa que o agrada e uma tarefa que não se caracteriza como enfadonha.

Capítulo III

O ensino da Língua Portuguesa e o pensamento de alguns lingüistas

Neste capítulo, faz-se uma abordagem sobre a forma como se processa o ensino da Língua Portuguesa no cotidiano escolar e ao mesmo tempo expõe o pensamento de alguns lingüistas preocupados com o ensino da língua materna como: Marcos Bagno, Maria Helena Martins e (Orgs) de textos e atividades Ana Cristina de Sousa Aldrigue, Eliane Ferraz Alves, Maria Augusta Reinaldo e Onireves Monteiro de Castro.

A forma como o ensino da Língua Portuguesa é praticado não contribui para uma boa formação do processo de letramento do educando, uma vez que o ensino da língua fica limitado a decodificação dos processos lingüísticos fonológicos e morfológicos.

Assim, o ensino da Língua Portuguesa, limita-se tão somente, a leitura e a escrita mecânica. Processo este que se manifesta de forma pouco atraente, iniciado na 1ª infância da criança. Vencida esta etapa da decodificação da leitura, o ensino da nossa língua adentra no aprofundamento do estudo da gramática tradicional, observando suas regras e exceções, com bastantes exercícios de classificação morfológica e análise sintática em frases prontas para estes fins.

Da forma como o ensino da Língua Portuguesa se processa, em frases descontextualizadas, o pouco que o educando absorve é decorado para ser utilizado em determinadas ocasiões como: concurso e vestibulares.

Seria coerente pensar o ensino da Língua Portuguesa direcionado para o letramento do educando, distanciando-se do apego exacerbado á gramática tradicional, porque este atrelamento só tinha sentido enquanto não se conheciam os vários tratados lingüísticos que questionam os conceitos e regras da gramática tradicional. Ao longo dos anos, as investigações lingüísticas acerca da gramática normativa, vêm comprovando que muitas regras desta gramática apresentam muitas falhas e contradições.

De acordo com Marcos Bagno (2002,75), a gramática tradicional tem sido usada com instrumento de poder e dominação de um pequeno grupo sobre os demais na sociedade. A coerência desta afirmação reside no fato do ensino-aprendizagem constitui-se de tanta complicação que só uns poucos usuários da Língua Portuguesa conseguem a façanha de dominá-la, tornando-se então, detentores dos saberes elaborados da gramática tradicional em detrimento de muitos outros usuários da língua materna, que por inúmeras razões não conseguem absorver as regras gramaticais ensinadas nas escolas.

A defasagem da aprendizagem está associada também, a defasagem do ensino, isto acontece porque muitos professores de Língua Portuguesa, assim como os educandos, também não conseguiram dominar com eficácia as famosas regras gramaticais, e se as conseguiu, não dispõem de metodologias adequadas para sua transmissão, o que torna inviável a aprendizagem destas regras por parte do alunado. Daí a conceituação explícita de que ensinar e aprender a nossa língua é muito difícil. Mas como atacar esta classificação rotulada para justificar o fracasso do processo ensino-aprendizagem? A prova de que esta conceituação é errônea é justificada no fato de aprendermos a falar nossa língua ainda pequenos, sem necessidade de irmos a escola para aprende-la. Começamos a falar através de uma aprendizagem espontânea, direta, pela observação da fala dos outros. Ainda ocorre o fenômeno da aquisição da linguagem falada. (BAGNO, 2002, 78, 79).

Em sua abordagem sobre letramento, Marcos Bagno (2002, 52), propõe um ensino de língua que tenha o objetivo de levar o aluno a adquirir um grau de letramento cada vez mais elevado, com habilidades de leitura e escrita que lhe permita fazer o maior e mais eficiente uso das capacidades técnicas de ler e escrever, oferecendo-lhes ocasiões para uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e escrita.

O letramento leva em consideração gêneros textuais diversos, utilizáveis para linguagem oral e escrita, permitindo o contato do educando com vários textos, quase sempre utilizados em situações concretas na vida cotidiana do mesmo. Estes gêneros textuais, existentes na vida social do aluno nunca é levado em consideração perante o ensino tradicional, que prefere abordar os gêneros literários eruditos, providos de frases feitas, prontas para dá autenticidade as regras gramaticais (BAGNO, op. cit., p. 54).

Geralmente este tipo de leitura não desperta a atenção do educando, uma vez que ele se depara com textos incompreensíveis, o que dificulta a leitura dos mesmos, levando-o ao desprezo total pela leitura, isto porque não lhe foi ofertado a chance de contactar com outros textos, cuja linguagem fosse mais acessível ao seu entendimento, como por exemplo: lista de compras, cardápio, carta pessoal, bilhete, horóscopo, reportagem jornalística.

Esta variedade de gênero textual é desprezada pelo o ensino tradicional, por estar relacionada às práticas orais. E como se sabe, a língua falada não é tão prestigiada quanto à escrita, pelo o fato de que ser considerada espontânea e expressar momentaneamente o estado emocional do falante, portanto desprovida da gramaticalidade tão valorizada pelo ensino tradicional.

Com referências à produção textual escrita em nossas escolas, resumem-se quase sempre, à prática da “redação”, pedida aleatoriamente, sem que o aluno tenha nenhum conhecimento prévio sobre o tema em questão, o que torna a “redação”, uma prática abominada pelos educandos e certamente em nada contribui para ampliar o estudo da língua. Ao se reportar sobre a redação, Marcos Bagno (2002, 56) afirma.

“Redação, gênero textual que só existe na escola, não tendo portanto nenhuma função sócio comunicativa relevante para a vida presente e futura do aprendiz. A prática tradicional da redação escolar empobrece drasticamente os objetivos de ensino da língua na escola, pois despreza todos os diversos elementos que contribuem para as condições de produção do texto escrito: quem escreve, o que escreve, para quem escreve, para que escreve, quando e onde escreve, isto é, em que situação cultural, social, temporal e espacial.”

O que se pode abordar o processo de aquisição da leitura e da escrita? Inicialmente, seria interessante fazer uma inferência sobre a contribuição da Lingüística no processo de aquisição de leitura e de escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. O primeiro ponto positivo discutível interessa ao professor, que é conhecer os estudos realizados pela Lingüística de Texto, Sociolingüística, Psicolingüística e Lingüística aplicada.

O papel da Lingüística de texto tem se dedicado entre outros estudos, à descrição dos modos de composição dos textos falados e escritos; estudando os mecanismos de coesão e coerência. Estes estudos têm ajudado a levar os alunos a falarem espontaneamente e posteriormente a organizar textos escritos. A Sociolingüística é outro estudo que caracteriza-se por focalizar as diferenças na forma de falar dos diferentes grupos sociais, dominada de variantes lingüísticas. A Psicolingüística está voltada para os processos envolvidos na recepção e produção das mensagens como uma atividade interativa que envolve conhecimentos lingüísticos e de mundo. A Lingüística aplicada apóia-se nos estudos desenvolvidos nas diversas áreas das ciências humanas. Tendo por base a noção de linguagem como interação entre os falantes/leitores/ouvintes, tem contribuído para a educação, demonstrando fatores de ordem cognitiva social, cultural e lingüística interferindo no processo de aquisição de leitura e escrita. Aldrigues (1998, p. 39, 40).

Teorizando sobre a leitura, Maria Helena Martins fala de uma leitura que antecede o ato de ler, usualmente conhecida como decodificador de letras, decifrador de palavras. Esta leitura da qual a autora se refere, trata-se da leitura de mundo, de vivência, da observação que prepara a pessoa para uma leitura que induz o cidadão à leitura propriamente dita. A citada autora afirma que aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal, e temos que valorizá-lo para poder ir além dele. Ampliando a noção de leitura (MARTINS, 1992, p. 22) afirma.

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do individuo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando o cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres.

Entende-se que a leitura e a escrita, como produção textual apresentam inúmeras dificuldades dentro do processo ensino-aprendizagem. A princípio esta dificuldade

é vista por todos envolvidos neste processo, como uma grande deficiência, e usam esta eminente dificuldade como pretexto para não lutar pela melhoria da leitura e produção textual, preferindo fazer transferência de responsabilidades, ora a deficiência está na escola, ora no alunado, ora nos pais. Sabemos que todos os envolvidos acima citados são responsáveis e têm a obrigação de unirem-se em torno do aluno e conduzi-lo a ter segurança no ato de ler. Preparando-se para a vida em sociedade, Incentivando-o a vários tipos de leituras, sempre relacionadas ao seu mundo.

Considerações finais

Durante a elaboração deste trabalho monográfico, fez-se necessário algumas leituras, as quais deram margens para análise, questionamentos, reflexões e até tomada de posição.

Esta pesquisa está centrada num problema que ora preocupa todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Trata-se do problema da evasão e reprovação escolar; todos são Unânimes ao afirmar que a raiz deste problema da está centrado na defasagem constatada na leitura e produção textual, ou seja, na ausência e ou deficiência das mesmas.

Para a execução deste trabalho fez-se uma justificativa pautada na evidência do problema aqui exposto, tomando como amostragem uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma determinada escola já citada e também leituras objetivas respaldadas nos pensamentos de autores, estudiosos preocupados com a questão do ensino-aprendizagem, como por exemplo, Paulo Freire, grande educador envolvido neste processo, que deixou uma considerável contribuição neste sentido.

Aqui ficou patente, que são inúmeras os desafios para o educador que se dispuser a tentar dar sua contribuição no sentido de minimizar o já citado problema que emperra o avanço na melhoria do ensino-aprendizagem, deixando claro que o educador precisa romper com o artificialismo pedagógico que insiste em distanciar o educador do seu próprio mundo, para isto deve combater práticas pedagógicas ultrapassadas.

Assim, a partir do que foi exposto acerca do desafio de ativar a leitura e a produção textual, é lícito afirmar que a superação do elevado índice de repetência passa, em grande parte por parte por uma compreensão do texto escrito como processo dinâmico que exige a participação ativa do aluno, como um sujeito propenso a produção do seu conhecimento.

Fica a certeza de que a importância da leitura, da escrita e produção textual, dentro do estudo da língua, particularmente a Portuguesa, vem preparar o educando para expandir suas ações de domínio em outras disciplinas, contribuindo assim, para o seu aprendizado.

Sugerimos sessões sistemáticas de estudos, planejando, no âmbito da escola, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre a teoria que melhor proporcione meios para atingir o melhoramento da aprendizagem e este melhoramento com certeza passa pelo incentivo à leitura, a compreensão e o estímulo a produção textual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDRIGUE, A. C. S., Alves, E. F., CASTRO, O. M. REINALDO, M. A. G. M. (orgs). **O Processo de Leitura e de Escrita na 1ª série**. João Pessoa: UFPB/FUNAPE/PRAC, 1998.

BAGNO, M., STUBBS, M., GAGNE, G. (orgs). **Língua Materna letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1988.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1987.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

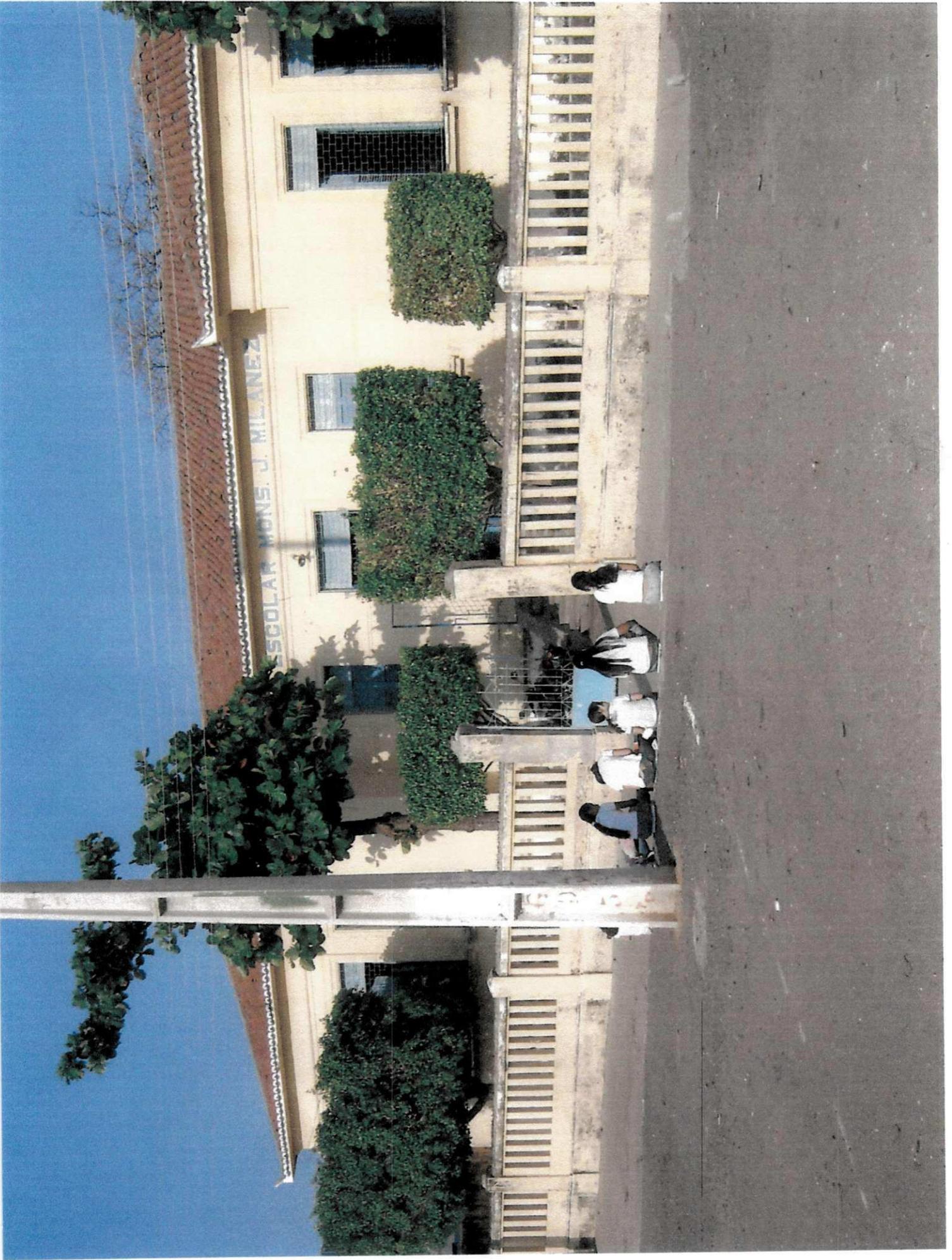
MARTINS, M. H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Linguística**. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

ANEXO A

-Fotografias





ANEXO B

-Questionários

E.E.E.F. MONS. JOÃO MILANÊS
8º ANO

PROFESSORA: _____

Atividade aplicada para a professora da turma observada.

1) Você gosta da sua profissão ou se contenta com a mesma por falta de opção?

Fiz o curso de letras, por falta de opção. E estou contente por estar trabalhando.
O papel do educador continua fundamental e cada vez mais importante, apesar de não ser reconhecido.

2) Você gosta de lecionar a disciplina Língua Portuguesa?

Sim. Porque é a disciplina mais importante e, me identifico completamente.

3) Se você tivesse uma chance gostaria de mudar de profissão?

Com certeza. Porque a profissão de educador não é fácil. E umas das grandes dificuldades que estamos vivendo dizem respeito aos salários e às condições de trabalho.

4) Quais os tipos de leituras que costuma fazer regularmente?

Costumo fazer leitura de jornais, revistas e de livros que ajudam o meu desempenho em sala de aula.

5) Atualmente, o que está lendo?

Você é insubstituível, de Augusto Cury.

6) Costuma planejar suas aulas?

Sim. Só podemos ministrar uma boa aula, se planejarmos os conteúdos antecipadamente.

7) Você acha que o planejamento é necessário?

Com certeza. Preciso decidir quais as melhores alternativas de ações possíveis para alcançar determinados objetivos a partir da realidade do aluno.

8) Costuma indicar leituras para seus alunos? Quais?

Sim. Livros de obras literárias.

E.E.E.F. MONS. JOÃO MILANÊS
8º ANO

Aluno (a) _____

Atividade aplicada para alunos da turma observada.

1) Qual a disciplina que gosta mais?

Geografia.

2) Você gosta de lê?

sim.

3) O que você acha da leitura?

Eu acho que a leitura é uma coisa muito boa.

4) Você já leu algum livro? Qual?

não.

5) Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

sim.

6) Como você acha que deveriam ser as aulas de Língua Portuguesa?

Eu não sei nem o que falar das aulas de língua portuguesa porque é muito boa.

7) Gosta de poesias?

sim.

8) Você costuma escrever alguma coisa sobre você mesmo?

não. Porque eu não gosto.

9) Você tem ou já pensou em ter um diário para fazer algumas anotações?

não.

E.E.E.F. MONS. JOÃO MILANÊS
8º ANO

Aluno (a) _____

Atividade aplicada para alunos da turma observada.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS PARAIBA

1) Qual a disciplina que gosta mais?

A disciplina que eu gosto mais é português pois fala de nossa língua da língua portuguesa.

2) Você gosta de lê?

sim, mas só gosto de ler quando estou inspirado com muita vontade de ler.

3) O que você acha da leitura?

Bom, pois aprendemos diversas palavras que nós não conhecemos.

4) Você já leu algum livro? Qual?

sim. Inocência, os miseráveis.

5) Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

sim. porque eu acho que a professora explica os assuntos muito bem.

6) Como você acha que deveriam ser as aulas de Língua Portuguesa?

Deveriam ser muitas leituras e também deveria falar de outras línguas.

7) Gosta de poesias?

sim. pois gosto de poesias de aventura.

8) Você costuma escrever alguma coisa sobre você mesmo?

às vezes.

9) Você tem ou já pensou em ter um diário para fazer algumas anotações?

não. porque tudo que eu sei guardo na lembrança.

E.E.E.F. MONS. JOÃO MILANÊS
8º ANO

Aluno (a) _____

Atividade aplicada para alunos da turma observada.

1) Qual a disciplina que gosta mais?

Português e Matemática.
São o gosto "contas e palavreado" mais gosto
muito.

2) Você gosta de lê?

desde pequena na minha mãe
me induz a lê.

3) O que você acha da leitura?

comédia, ação, aventura, suspense, em fim
eu gosto de todos acho que são games para o saber

4) Você já leu algum livro? Qual?

comédias para se lê na escola.
de: Luís Fernando Veríssimo.

5) Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

claro. acho emocionantes.

6) Como você acha que deveriam ser as aulas de Língua Portuguesa?

que nós, nos entregássemos para a
leitura.

7) Gosta de poesias?

muito. acho lindas, mas também
gosto de livros de comédia romântica.

8) Você costuma escrever alguma coisa sobre você mesmo?

no meu diário e nos meus caderninhos.
"Sou amiga, extrovertida, criativa e orgulhosa"

9) Você tem ou já pensou em ter um diário para fazer algumas anotações?

desde os meus 7 anos, escrevo em diários,
acho que é uma oportunidade de me expre-
ssar, sem ter vergonha

E.E.E.F. MONS. JOÃO MILANÊS
8º ANO

Aluno (a)-----

Atividade aplicada para alunos da turma observada.

1) Qual a disciplina que gosta mais?

Geografia

2) Você gosta de lê?

Sim ler e muito Bom

3) O que você acha da leitura?

Eu acho que a
leitura e muito
Bom Para os alunos

4) Você já leu algum livro? Qual?

A inocência

5) Você gosta das aulas de Língua Portuguesa?

Sim gosto as aulas
e e muito boas

6) Como você acha que deveriam ser as aulas de Língua Portuguesa?

deveriam ser com mais
leitura

7) Gosta de poesias?

Sim a

Poesia e muito Bom

8) Você costuma escrever alguma coisa sobre você mesmo?

Não costumo escrever
nada sobre mim

9) Você tem ou já pensou em ter um diário para fazer algumas anotações?

Sim já pensei

